

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO: MÉTODOS E TÉCNICAS DE ENSINO**

RAFAEL PETERMANN

**PRODUÇÃO DE MICROCONTOS POR ALUNOS DO ENSINO
FUNDAMENTAL : DA PRODUÇÃO À DIVULGAÇÃO**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

MEDIANEIRA

2013

RAFAEL PETERMANN



**PRODUÇÃO DE MICROCONTOS POR ALUNOS DO ENSINO
FUNDAMENTAL: DA PRODUÇÃO À DIVULGAÇÃO**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista na Pós Graduação em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Câmpus Medianeira.

Orientadora: Professora Ms. Janete Santa Maria Ribeiro

EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA

MEDIANEIRA

2013



TERMO DE APROVAÇÃO

PRODUÇÃO DE MICROCONTOS POR ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL: DA LEITURA À DIVULGAÇÃO

Por

Rafael Petermann

Esta monografia foi apresentada às 20:20 h do dia 29 de novembro de 2013 como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista no Curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Medianeira. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho aprovado.

Professora Ms. Janete Santa Maria Ribeiro
UTFPR – Câmpus Medianeira
Orientadora

Prof Ms. Cidmar Ortiz dos Santos
UTFPR – Câmpus Medianeira
Membro

Prof^a. Ms. João Enzio Gomes
UTFPR – Câmpus Medianeira
Membro

Prof. Ms. Diego Venâncio Thomaz
UTFPR – Câmpus Medianeira
Membro

Dedico este trabalho à Professora e orientadora Janete Santa Maria Ribeiro, pela sua paciência e dedicação em me conduzir.

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom da vida.

À minha família e amigos, pelos momentos de conversas e conselhos ao longo da caminhada.

Aos meus alunos que sempre serviram como motivação para a contínua formação e aperfeiçoamento profissional.

À Queila Quelen Luzia, pelos momentos únicos de aprendizagem durante os encontros presenciais da especialização.

À Prof. Ms. Janete Santa Maria Ribeiro, pela paciência, companheirismo e dedicação a mim destinados.

“Estava cansada de tantos pesadelos, então
foi dormir”.

(@pilulasnarrativas)

RESUMO

PETERMANN, Rafael. **Produção de Microcontos por alunos do Ensino Fundamental: da produção à divulgação**. 50 páginas. Orientadora: Janete Santa Maria Ribeiro. Monografia de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2013.

O presente trabalho visa apresentar uma proposta de sequência didática para o trabalho com gênero microconto nos anos finais do Ensino Fundamental. O trabalho baseia-se nas teorias de Lopes-Rossi(2011), Rocha (2012) e Schneuwly e Dolz (2004) para discutir a Sequência Didática. Apresenta-se neste projeto inicialmente uma revisão de literatura sobre gêneros discursivos, microcontos, práticas literárias no ciberespaço. No segundo momento coloca-se a metodologia da pesquisa e a discussão dos resultados, a partir dos quais é elaborada a sequência proposta, contando com um plano de ensino para o professor e o material do aluno. Por fim, no terceiro momento são apresentados os apêndices com o questionário aplicados, material do aluno e plano de ensino para o professor.

Palavras-chave: ensino de língua materna, letramento digital, gêneros discursivos.

ABSTRACT

PETERMANN, Rafael. **Production of Microcontos for elementary school students: from production to dissemination.** 50 páginas. Orientadora: Janete Santa Maria Ribeiro. Monografia de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2013.

This paper presents a proposal for a teaching sequence for working with gender microconto in the final years of elementary school. The paper is based on the theories of Lopes-Rossi (2011), Rocha (2012) and Schneuwly and Dolz (2004) to discuss the Teaching Sequence. We present in this project initially a review of literature on speech genres, microcontos, literary practices in cyberspace. In the second phase there is the research methodology and discussion about results, from which the proposal sequence is drawn up, with a teaching plan for teacher and student materials. Finally, the third time there are the appendices: applied questionnaire, student materials and syllabus for the teacher are presented.

Keywords: Native language teaching, digital literacy, genres.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	11
2.1 A QUESTÃO DOS GÊNEROS TEXTUAIS	11
2.1.1 A questão dos gêneros textuais emergentes no ciberespaço	Erro! Indicador
não definido.	
2.1.2.Práticas de escrita no ciberespaço e experimentos literários: Twiterratura? .	14
2.1.2.1 Gêneros textuais ligados à Twiterratura.....	15
2.1.3 O microconto no Twitter.....	16
2.1.3.1 Tentativa de caracterização dos microcontos à luz dos conceitos bakhtinianos de conteúdo temático, forma e estilo	17
2.2 A SEQUÊNCIA DIDÁTICA	20
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	24
3.1 CARACTERIZAÇÃO DO LOCAL DE APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO	24
3.2 TIPO DE PESQUISA E PROCEDIMENTOS TÉCNICOS	25
3.3 ANÁLISE DOS DADOS.....	25
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	27
4.1 A LEITURA	27
4.2 A PRODUÇÃO ESCRITA.....	28
4.3 A DIVULGAÇÃO AO PÚBLICO.....	29
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS.....	33
APÊNDICES	36

1 INTRODUÇÃO

As redes sociais da internet são espaços propícios para interação dialógica entre os sujeitos no ciberespaço. Através destas redes é possível que o indivíduo interaja com inúmeras outras pessoas conectadas a partir de pontos de interesses comuns, ou simplesmente afinidade. Para fazer parte do universo das redes sociais, basta que o interessado faça um cadastro nas plataformas digitais (Facebook, Orkut, Twitter etc) através da construção de um perfil - uma espécie de página de apresentação que servirá como um cartão de visitas a todos os interessados em estabelecer alguma forma de interação comunicacional.

Nesse sentido, toma-se neste trabalho monográfico as redes sociais da internet como uma ferramenta didática capaz de dar maior significado à prática da produção textual, uma vez que elas dão conta de responder a uma das maiores lacunas das práticas de produção de texto na escola: a divulgação. Além disso, as condições de produção sugeridas por Geraldini (1995) passam a tomar forma mais concreta, pois nas redes sociais é possível, a partir do trabalho com determinados gêneros textuais, definir a posição social que o autor assume, suas intencionalidades, potencial de interlocutor, etc. Além de levar o texto do aluno a um ambiente de circulação que extrapola a exclusividade do professor.

Assim, faz-se o recorte deste trabalho delimitando o gênero a ser trabalhado como o microconto e o ambiente das redes sociais da internet como canal de divulgação. Opta-se pelo modelo de sequência didática de Lopes-Rossi (2011), que compreende três momentos: leitura; produção e divulgação do gênero em questão.

Como aporte teórico, este trabalho busca fundamentar a sua concepção de gêneros textuais e gêneros digitais na teoria interacionista, tomando como base os escritos de Bakhtin e seu círculo, além de Marchusci.

Com relação à teoria para categorização do gênero microconto, este trabalho ampara-se em algumas pesquisas de Petermann, que há algum tempo vem realizando estudos acerca deste gênero específico desde suas origens e primeiras aparições no modernismo, até sua ascensão nas redes sociais como forma de experimentação literária amadora.

No que tange à sequência didática, o trabalho embasa-se nos escritos de Dolz, Noverraz e Scheneuwly, concebendo a sequência didática como um conjunto de ações e práticas escolares organizadas e sistematizadas sobre um gênero textual específico.

Por fim, o trabalho apresenta uma proposta de sequência didática para o trabalho com o gênero microconto, contemplando as fases de leitura, escrita e divulgação.

Nesta proposta, apresenta-se uma série de atividades em cada um dos três módulos didáticos a fim de servirem como um subsídio para o desenvolvimento do trabalho com este gênero, ainda novo na escola, com alunos de 8º e 9º anos do Ensino Fundamental.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 . A QUESTÃO DOS GÊNEROS TEXTUAIS

Gêneros textuais, conforme afirma Bakhtin (2010), são tipos relativamente estáveis de enunciados, categorizados a partir de sua temática, estrutura e estilo. A comunicação humana só é possível a partir do uso desses gêneros textuais, ou seja, destes tipos relativamente estáveis que são a materialização dos enunciados. A fala humana só é passível de entendimento e realização a partir de sua organização e adequação nos diversos gêneros existentes. Nesse sentido, Bakhtin (2010) afirma que:

[...] o emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo e pelo estilo de linguagem (...) mas por sua construção composicional[...](BAKHTIN,2010.p. 261)

Dessa forma, é possível afirmar que os gêneros textuais são “fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social” (MARCUSCHI, no prelo). Eles são resultado de um trabalho coletivo, ou seja, resultam das situações de interação específicas entre os usuários da língua, levando-se em conta as condições de produção, as escolhas estilísticas a fim de determinados efeitos, o domínio discursivo em que se está inserido etc. Mais uma vez recorrendo a Bakhtin, temos que:

[...] Uma determinada função (científica, técnica, publicística, oficial, cotidiana) e determinadas condições de comunicação discursiva, específicas de cada campo, geram determinados gêneros, isto é, determinados tipos de enunciados estilísticos, temáticos e composicionais relativamente estáveis[...](BAKHTIN,2010.p. 266)

Nesse sentido, surgem os diversos gêneros textuais emparelhados às necessidades e atividades socioculturais, bem como na relação com as inovações tecnológicas. Pode-se dizer que é a partir do advento da escrita alfabética, por volta do século VIIa.C, que os gêneros iniciam seu processo de expansão, acelerando esse processo mais tarde nos séculos XV, com a invenção da imprensa pelo alemão Gutenberg, e com a Revolução Industrial na Europa no século XVIII. As novas demandas de interação humana provenientes destes períodos históricos resultaram no nascimento de novos gêneros que atendem então às situações específicas. Porém, é na era da cultura eletrônica, que data da segunda metade do século XX

até nossos dias, que o surgimento dos diversos meios de comunicação como telefone, rádio, TV e, em especial, o computador pessoal e a internet, inaugura uma explosão de novos e/ou transmutados gêneros e novas formas de comunicação, tanto na oralidade quanto na escrita. Afinal, os meios anteriormente elencados possibilitaram diversas formas novas de interação humana, a partir de velhas bases. É o que acontece, por exemplo, com a carta. O gênero epistolar, um dos mais antigos gêneros existentes, com a internet, deu origem às “cartas” eletrônicas, ou e-mails. Esse fenômeno já fora notado antes por Bakhtin (1997 apud MARCUSCHI no prelo), que denominou-o “transmutação” de gêneros ou assimilação de um gênero por outro.

É nesse sentido que a definição bakhtiniana de gênero - determinados tipos de enunciados estilísticos, temáticos e composicionais relativamente estáveis – ganha maior significado, ou seja, os gêneros de fato são “relativamente estáveis”, uma vez que não são instrumentos fixos e enrijecedores da produção criativa. Eles são demasiadamente dinâmicos, plásticos. Logo, parece não haver limite para a criação e surgimento de novos gêneros e transmutações dos gêneros da velha base.

2.1.1 A questão dos gêneros textuais emergentes no ciberespaço

Assim como faz Marchuschi (2010) em seu ensaio sobre os gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital, é preciso iniciar esta pequena seção do trabalho monográfico com uma ressalva com relação à vertiginosa e constante mudança pela qual a internet e os meios de comunicação digitais passam e que podem obsoletar as considerações que aqui são apresentadas. Portanto, não é objetivo apresentar uma teoria acabada, e sim uma breve reflexão acerca desses gêneros emergentes, preparando caminho para mais tarde abordar um gênero específico que é o microconto.

De acordo com Marchuschi (2010.p.16), pode-se dizer que na atual sociedade da informação “a internet é uma espécie de protótipo de novas formas de comportamento comunicativo” e, ainda conforme o mesmo autor, o comportamento comunicativo no contexto digital está intrinsecamente ligado à palavra escrita, “pois a tecnologia digital depende totalmente da escrita”.

É fato inconteste, portanto, que a internet e todos os gêneros ligados a ela são eventos textuais fundamentalmente baseados na escrita. Para Petermann

(2011.p.1) “A democratização do acesso à internet tem gerado um fenômeno sem precedentes na história no que tange à interação entre os sujeitos a partir de enunciados escritos”.

Marchuschi (2010), ainda em seu ensaio sobre os gêneros emergentes no meio virtual, baseia-se na teoria de Patrícia Wallace (2001,p.19-30) para enumerar alguns “domínios de produção e processamento textual” onde gêneros se originam, a fim de traçar uma reflexão acerca dos entornos/ condições de produção desses. São eles:

- I – Ambiente web (world wide web);
- II – Ambiente e-mail;
- III – Foros de discussão assíncronos;
- IV – Ambiente chat síncrono;
- V – Ambiente mud;
- VI – Ambiente de áudio e vídeo (videoconferências).

Neste trabalho monográfico, a fim de atender à especificidade do gênero escolhido como objeto de trabalho (microconto), toma-se a liberdade de acrescentar a essa lista de domínios de produção e processamento textual o “Ambiente Redes Sociais da Internet” (RSIs), pois acredita-se, baseado em Marchuschi (2010), que o seu conceito seja, para a finalidade deste trabalho, mais específico e abrangente. Para Santaella (2010):

“A finalidade das Redes Sociais da Internet é prioritariamente a de promover e exarcebar a comunicação, a troca de informação, o compartilhamento de vozes e discursos, o que vem a comprovar que, se a meta dos organismos vivos é se preservar e se o desejo humano é ser desejado por outro ser humano, aquilo que o ser humano quer é, sobretudo, se comunicar, não importa quando, como, para quais fins.”(SANTAELLA,2010.p50)

Consoante à definição de Santaella (2010), também Kelsey (2010) em seu *Social Networking Spaces: From Facebook to Twitter and Everything In Between*, afirma que o que motiva as pessoas a interagirem e escreverem nas Redes Sociais no ciberespaço é o simples fato de partilharem suas vidas, pois, de acordo com o próprio autor:

What I mean is, you should never assume no one would be interested in your life; in fact, there's strong evidence to suggest that many people would be interested. Even if you don't think your life is interesting, there are people right now who think it is, and there's a good likelihood that there will be more such people in the future. (KELSEY,2010.p.3)¹

Dessa forma, as Redes Sociais da Internet acabam sendo um domínio de produção que privilegia a diversidade e heterogeneidade dos textos aí produzidos, abrindo espaço, inclusive, para espécies de experimentos literários, como os próprios microcontos.

2.1.2 Práticas de escrita no ciberespaço e experimentos literários: Twitteratura?

O termo Twitteratura foi usado pela primeira vez em inglês (*twitterature*) pelos norte-americanos Alexander Aciman e Emmett Rensin, que publicaram adaptações em 140 caracteres para obras clássicas da literatura mundial e que foram publicadas posteriormente no livro *The World's greatest books retold through Twitter*.²

Tendo por base a definição dos dois autores norte-americanos e sua publicação acima citada, tende-se a conceituar Twitteratura como releituras “bem humoradas” dos clássicos da literatura, ou seja, literalmente a junção de Twitter+literatura.

No entanto, prefere-se neste trabalho monográfico usar um conceito mais abrangente para o termo, concordando com a definição de Freitas e Pacheco (2011) que concebem a Twitteratura como todos os textos literários publicados no Twitter, não apenas as releituras, mas qualquer texto literário produzido no ou para o Twitter.

Embora a rede social em questão seja uma ferramenta para produção e publicação de literatura concisa (os textos da Twitteratura podem ter no máximo 140 caracteres) ela não possui mecanismos para arquivar os textos produzidos de forma mais organizada, portanto os textos são sempre organizados do mais recente para o

¹ O que quero dizer é que você nunca deveria achar que ninguém se interessaria pela sua vida; na verdade, há grandes evidências que indicam que muitas pessoas poderiam estar interessadas. Mesmo que você não ache que sua vida é interessante, há muitas pessoas neste exato momento que pensam que ela é, e há uma boa probabilidade de haver ainda mais pessoas no futuro. (Tradução própria)

² KELSEY, Todd. *Social Networking Spaces: From Facebook to Twitter and Everything in Between*. Estados Unidos: Apress, 2010.

mais antigo. Em outras palavras, os textos literários produzidos e publicados no Twitter tem uma circulação tão rápida quanto a crônica. Nesse sentido podemos expandir ainda mais o conceito de *Twitteratura* dizendo que ela vai além de todos os textos literários produzidos e publicados no Twitter, mas ela é um constante fluxo de textos para serem lidos no momento da publicação.

Dada a conceituação de *Twitteratura* como fluxo contínuo de textos literários (ou com teor literário) no Twitter, é interessante notar que a impossibilidade de organização mais precisa para a releitura dos textos conduzem a *Twitteratura* para uma realidade transmidiática, em que os perfis com textos literários são editados em mídias *off-line* menos ou nada efêmeras, como os livros de papel. São alguns exemplos dessa prática a edição do perfil de aforismos *Bom dia por quê?*³; o perfil de Fabrício Carpinejar www.twitter.com/carpinejar⁴; e o já mencionado *Twitterature The World's greatest books retold through Twitter*.⁵

2.1.2.1 Gêneros textuais ligados à *twitteratura*

A *Twitteratura*, conforme já mencionado, é um contínuo fluxo de textos literários publicados e/ou escritos na plataforma da rede social Twitter, um exemplo do domínio de produção das redes sociais da internet. E não são novidades as condições de produção dessa rede social que implicam diretamente nos textos, como por exemplo a forma de armazenamento dos textos, que segue a ordem cronológica, ou seja, os *tweets* são organizados sempre do mais recente para o mais antigo. Além do limite de 140 caracteres, que obrigam o autor dos textos a fazê-los de forma concisa e breve.

Essas condições de produção dos textos influenciam diretamente naquilo que Santaella e Lemos (2010) chamam de “microdesign de ideias”, ou seja, a elaboração e adoção de técnicas que irão possibilitar a prática de *outflows* eficazes por parte dos autores dos textos, que no caso da *Twitteratura* precisam preservar, entre outras características, a brevidade e a concisão extremas.

Os modelos de literatura breve e concisa, porém, não são uma novidade da *Twitteratura*, afinal os “poemas-minuto” concisos do modernismo de Oswald

³ CONDE, Marcelo .et al. *Bom dia por quê? Você era infeliz e não sabia*. Rio de Janeiro: Publit,2011.

⁴ CAPINEJAR, Fabrício. www.twitter.com/carpinejar. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009

⁵ ACIMAN, Alexander & RENSINm Emmett. *Twitterature: the world's greatest books retold through Twitter*. Londres: Penguin Books, 2009

Andrade, os haicais de Paulo Leminski e os minicontos de Dalton Trevisan já davam os ares do que seria uma literatura de “alta-velocidade”. Portanto, embora não seja nova a ideia de literatura rápida, breve e concisa, há que se destacar que nesse sentido uma das grandes inovações da Twitteratura é abertura que os autores, profissionais ou amadores, passaram a ter para a produção e divulgação de seus textos. Além da possibilidade de interação mais direta, às vezes em tempo real, entre o autor e o leitor, e muitas vezes dessa interação cada vez mais direta confundem-se as ideias de autor e leitor, uma vez que a obra passa a ser uma produção colaborativa.

2.1.3 O microconto no Twitter

Embora tenham ganhado notoriedade maior a partir do advento do *Twitter*, o microconto, com a concisão e brevidade que conhecemos da Twitteratura, talvez tenha sua origem com o autor guatemalteco Augusto Monterroso (1921-2003), e seu conto “*Cuando desperto, El dinosaurio todavia estaba allí*”,⁶ além dele, conforme destaca Seabra (2010), alguns autores também fizeram seus textos curtos como Jorge Luis Borges, Julio Cortázar, Millôr Fernandes e o curitibano Dalton Trevisan.

A considerar a proclamação do poeta brasileiro João Cabral de Melo Neto (1920-1999) de que na escrita é preciso “enxugar até a morte”, parece que o microconto é a concretização do dizer do poeta. Afinal, o suporte deste gênero permite a seus usuários criar textos de, no máximo, 140 toques, o que obriga uma redução drástica do que dizer no microconto, desprezando aspectos descritivos e valorizando os narrativos, um texto literário neste suporte é de fato “enxugado até quase a morte”.

Seabra (2010.p.47), ainda a respeito dos microcontos, diz que estes “mais que contar uma história, um microconto sugere diversas, abrindo possibilidades para cada um completar imagens, o roteiro, as alternativas de desdobramento(...)”.

Em síntese, os microcontos do *Twitter* são narrativas curtíssimas que, apesar da drástica redução, ainda assim preservam a existência dos cinco elementos narrativos (personagens, tempo, espaço, narrador e enredo).

⁶ Quando acordou o dinossauro ainda estava ali. (Tradução própria)

Vários perfis no Twitter têm seu design de *outflows* voltado exclusivamente para a produção e divulgação de microcontos, como o @microconto_ , @microconto e @pilulanarrativa.

2.1.3.1 Tentativa de Caracterização dos Microcontos à Luz dos Conceitos Bakhtinianos de Conteúdo Temático, Forma e Estilo.

Esta tentativa de caracterização dos microcontos é baseada em estudo feito por Petermann(2011), desenvolvido a partir da análise de um *corpus* composto por 45 textos provenientes de diferentes fontes de publicação e veiculação na internet.

Apesar da existência de muitos exemplares destes textos na internet, é necessário destacar que muitos deles caracterizam-se apenas como frases, pensamentos ou cenas, desprezando um dos elementos essenciais para se configurarem como uma derivação do conto: a narratividade.

Entre os textos do *corpus* do trabalho, o autor selecionou cinco que nos servem para ilustrar as considerações acerca da caracterização deste gênero textual. Seguem abaixo os textos ilustrativos reproduzidos do trabalho de Petermann(2011):

(1) – Toda terça ia ao dentista e voltava ensolarada. Contaram ao marido sem a menor anestesia. Foi achada numa quarta, sumariamente anoitecida.

(2) – Nunca foram apaixonados um pelo outro, mas casaram-se e tiveram filhos. Foram felizes por um mal-entendido.

(3) – Nem notou que tinha asas, contudo, quando precisou elas apareceram. Voou o mais rápido possível para completar o seu ciclo, por fim, morreu a borboleta.

(4) – Apague a luz, pediu ela. Me dá um beijo, ele pediu. E para todo o resto não precisaram de mais palavras.

(5) – Pediu um tempo para o marido. Acabou ganhando 7 dias e uma missa.

Quanto à forma, os microcontos nunca apresentam mais que 140 toques, contando com espaços e acentos, pois esta é uma imposição do principal suporte do

gênero, o *Twitter*. Além disso, sob o aspecto formal, essas narrativas quase nunca apresentam título, pois este elemento tomaria um espaço necessário ao corpo do texto.

Embora sejam drasticamente reduzidos, esses textos preservam a narratividade, que, segundo Gotlib (2006), pertence ao grupo de elementos caracterizadores do conto segundo Tchekhov. Tomando por base os 5 textos acima, é possível perceber que, embora a extrema brevidade do texto, existe um enredo. O texto 3 é o exemplo mais elucidativo, pois em poucas palavras narra a história do ciclo de uma borboleta, de sua metamorfose à morte.

Ainda falando sobre os elementos caracterizadores do conto na teoria do russo Tchekhov, apresentados por Gotlib (2006), os microcontos conservam todos os cinco: (i) brevidade; (ii) efeito/impressão total; (iii) força; (iv) clareza; (v) compactação.

É interessante notar que a forma do microconto acaba sendo, fatalmente, um dos motivos que o levam a conservar estes elementos. A brevidade de possuir apenas um nó dramático e a compactação são garantidos pela limitação de espaço do gênero, ao passo que, nesse sentido, também o efeito total, ou seja, o suspense, e a força – capacidade de manter o leitor atento – também são garantidos no gênero, que são de leitura tão rápida que o leitor não tem tempo nem mesmo de perder interesse ou o texto deixar de possuir suspense.

O elemento clareza, por outro lado, continua a existir nos microcontos, porém a limitação de espaço, nesse caso, acaba por prejudicar, pois o texto se torna claro à medida que o leitor é detentor de outras diversas leituras. Toma-se como exemplo o texto 5, apesar de não estar escrito que o marido tenha assassinado a esposa, isso fica subtendido na expressão “acabou ganhando sete dias e uma missa”.

Quanto ao conteúdo temático, os microcontos apresentam basicamente temas relacionados ao cotidiano, ou seja, prosaicos, que podem dar origem a narrativas excessivamente curtas: relacionamentos conjugais, cenas urbanas e atividades de animais são temas bastante recorrentes.

O espaço de escrita do microconto do twitter é, em geral, a própria tela do computador, sendo assim, é possível que os temas do cotidiano sejam mais recorrentes já que o escritor possui como elementos inspiradores aquilo que tem a

vista. Ou uma situação recente que tenha presenciado, vivido ou simplesmente imaginado naquela fração de tempo que é a produção de um microconto.

No que tange ao estilo, para se produzir um texto em que se preserve a narratividade em apenas 140 toques, é necessário uma série de escolhas para que os efeitos pretendidos possam ser gerados no texto em questão. Petermann (2011) considera acerca do estilo que

Desta forma, a descrição é substituída pelo uso de advérbios e conectivos de forte expressividade, para se garantir que se diga muito com pouco. Tomemos o texto 1 como exemplo. Nele a descrição é representada por palavras de forte expressividade no contexto: (i)/toda terça ia ao dentista e volta *ensolarada*/ ensolarada= radiante por algum motivo. (ii) /Contaram ao marido *sem a menor anestesia*/ sem a menor anestesia = sem nenhum disfarce, diretamente. (iii) Foi achada numa quarta, *sumariamente anoitecida*/ sumariamente anoitecida= simplesmente morta.(PETERMANN, 2011.p.11)

Outro elemento que garante a narratividade no gênero, segundo o autor é a predominância de períodos simples e períodos compostos por coordenação, pois estes dão ao texto melhor fluidez e velocidade, efeito que não seria conseguido com o uso de períodos compostos por subordinação. O texto 2 é capaz de ilustrar esta afirmação:

(1ª oração) Nunca foram apaixonados um pelo outro/ (2ª oração) mas casaram-se e tiveram filhos. → Primeiro período

(1ª oração) Foram felizes por um mal-entendido. → Segundo período.

No primeiro período é possível notar as três fases do enredo do conto tradicional representados por cada oração, em que: (i) situação inicial=1ª oração do primeiro período; (ii) complicação=2ª oração do primeiro período; (iii) desfecho= 1ª oração do segundo período.

Ainda sobre o estilo, Petermann (2012) destaca que o narrador é predominantemente construído em terceira pessoa, essa característica talvez se justifique pelo fato de que o narrador observador não possui, necessariamente, nenhum vínculo subjetivo com o texto ou o fato narrado, logo, a economia de palavras é privilegiada, os textos acima que ilustram este trabalho, por exemplo, possuem o narrador construído em terceira pessoa. Esse fato não impede, porém, a construção de um narrador personagem.

2.2. A SEQUÊNCIA DIDÁTICA

De acordo com Chevallard (2005), teórico da Transposição Didática, há grande distância entre o “saber do sábio” e o “saber ensinado”, porque há grande incidência da falta de contextualização dos conteúdos e práticas com o ambiente escolar. Nesse sentido, a Transposição Didática busca estabelecer a relação entre esses dois saberes visando à atribuição de sentido ao que se ensina na escola.

Nesse sentido, a Sequência Didática, de acordo com Rocha (2012.p.108), é uma “transposição didática possível”. Pois, de acordo com Schneuwly e Dolz (2004), uma sequência didática é um emaranhado de atividades e procedimentos que visam o ensino de um gênero. E, tomando-se por base as teoria de gênero de Bakhtin (2010) e as reflexões sobre a mesma temática de Schneuwly e Dolz (2004), percebe-se que o gêneros discursivo é a materialização do discurso, ou seja, são as diversas formas de interação verbal do sujeito com o mundo.

Em se tratando do ensino de língua materna, muitas vezes as aulas resumem-se a regras da norma-padrão e/ou a produções textuais que não respondem a demandas de aplicabilidade prática, dessa forma, o aluno aprende normas gramaticais, mas não consegue visualizar e/ou aplicar esses conceitos em manifestações verbais de interação com o mundo.

Com relação a essa problemática, Lopes-Rossi (2011) faz menção aos estudos do grupo de Genebra que atestam que

“um dos méritos do trabalho com gêneros discursivos, é o fato proporcionar o desenvolvimento da autonomia do aluno no processo de leitura e produção textual como uma consequência do domínio do funcionamento da linguagem em situações de comunicação, uma vez que é por meio dos gêneros discursivos que as práticas de linguagem incorporam-se às atividades dos alunos”(LOPES-ROSSI,2011.p.70-71)

A autora ainda afirma que compete, então, ao professor criar condições para que os alunos possam apropriar-se de gêneros diversos, em situações de “comunicação real”(p.71).

Nessa mesma linha, Zanini e Peres (2008 apud Rocha 2012), afirmam que o professor, como mediador do processo de ensino e aprendizagem, deve atentar para os vínculos que devem ser estabelecidos entre aluno, o objeto de conhecimento e ele mesmo.

O trabalho do professor mediador nessa proposta de trabalho com Transposição Didática deve ser, portanto, o de constante pesquisador e investigador, que leva em conta, antes de organizar o planejamento de suas estratégias de ensino, todo o contexto sociocognitivo em que os alunos estão inseridos, a fim de que o seu trabalho pedagógico (do saber do sábio ao saber ensinado) esteja efetivamente enraizado em propostas de cunho prático capazes de responder às demandas de situações reais de comunicação.

A Transposição Didática deve levar em conta, portanto, conforme Rocha (2012): i) os conhecimentos prévios dos alunos; ii) organização do desenvolvimento dos conteúdos; iii) e as circunstâncias em que se desencadeará o processo, a fim de que o professor possa adequar, dosar etc. as instruções orais e escritas.

A Sequência Didática servirá, conforme dito no início dessa seção, como uma ferramenta a favor da Transposição Didática.

Dolz, e Scheneuwly (2004), que concebem o trabalho com a língua a partir de uma perspectiva sociointeracionista, definem a Sequência Didática como um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual (oral ou escrito).

Apenas como item ilustrativo para a definição de Dolz, e Scheneuwly (2004), destaca-se que a proposta de Sequência Didática objeto deste trabalho, e que será tratada em detalhes em seção própria posteriormente, apresenta uma série de atividades escolares organizadas de forma sistemática com unidades de leitura, escrita, revisão, reescrita e divulgação, conforme modelo proposto por Lopes-Rossi (2011), em torno do gênero textual microconto, visando a autonomia do aluno quanto a leitura e escrita deste gênero específico em situações de comunicação real.

Nesse contexto, vale ressaltar uma consideração de Rocha (2012)

Almeida (2006) assinala a importância de uma concepção de língua e de aprendizagem que valorize a língua como viva, constituída e construída no discurso dos interlocutores e condicionada às transformações históricas e sociais, cuja aprendizagem é ativa e significativa do conhecimento, vinculada às esferas de inserção social e interpessoal do aprendiz. Essa relação que o ensino da língua deve apresentar para o aprendiz é de suma importância para que ele desenvolva o interesse pelo conteúdo a ser estudado. (ROCHA, 2012.p109)

Dolz, Noverraz e Scheneuwly (2004) apresentam alguns itens que devem ser observados como encaminhamento para o trabalho com uma SD: i) apresentação de uma situação/motivo da produção; ii) seleção do gênero tendo em

vista as condições de produção; iii) os módulos de atividades que tem como objetivo trabalhar os problemas que aparecerem na primeira produção.

A partir do exposto pelos teóricos da Sequência Didática acima, Lopes-Rossi (2011) apresenta um modelo de Sequencia Didática dividido em três módulos didáticos: 1- Leitura do gênero a ser produzido para conhecimento de suas propriedades discursivas, temáticas e composicionais; 2 – Produção escrita e 3 – Divulgação ao público.

Segue tabela com melhor descrição sobre cada um dos três módulos.

MÓDULO	DESCRIÇÃO
Leitura	<p>Neste módulo o aluno deve ser levado a discutir, conhecer e comentar as condições de produção e de circulação desse gênero. Segundo Lopes-Rossi, é fundamental que o aluno tenha contato com o portador desse gênero (jornal, revista, livro etc).</p> <p>Aqui ainda o aluno deve apropriar-se das características discursivas do gênero (de forma apropriada à sala de aula), e nesse nível de conhecimento do gênero o aluno poderá fazer uma série de inferências, compreender alguns recursos estilísticos típicos; a temática e a organização composicional do gênero.</p>
Produção escrita	<p>Nas atividades deste módulo o aluno deverá ter a oportunidade de produzir o gênero lido e trabalhado no módulo anterior, afinal, conforme a própria autora, toda leitura pressupõe uma produção, embora nem todos os gêneros sejam de produção viável na escola. É importante ainda neste módulo o desenvolvimento de atividades de revisão e correção participativa dos textos produzidos. A partir das correções e das observações do professor, as principais dificuldades dos alunos podem ser tema de atividades de análise linguística. As atividades de releitura e reescrita dos textos também devem ser contempladas neste módulo.</p>
Divulgação ao público	<p>De acordo com Roca (2012), esta fase na SD é a mais importante, pois é nela que se efetiva a premissa da “situação real de comunicação”. Para este módulo podem ser organizadas atividades de exposição como murais; edição de coletâneas, ou até mesmo a troca de textos entre os companheiros de turma.</p>

O modelo apresentado por Lopes-Rossi (2011) é o que servirá para elaboração da proposta desse trabalho, pois como se pôde perceber, esta proposta

contempla todas as etapas fundamentais para o trabalho de leitura e escrita de um gênero textual.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A finalidade deste trabalho é apresentar uma proposta de trabalho baseada na sequência de Lopes-Rossi (2011) para leitura e produção do gênero microconto. Para isso, além do modelo de Lopes-Rossi, os fundamentos teóricos que norteiam a elaboração se pautam nas teorias de sequência didática de Scheneuly e Dolz(2012), e transposição didática de Chevallard (2005).

Nesse sentido, Rocha (2012), discorrendo sobre a transposição didática, afirma que deve-se levar em conta, na transposição didática: i) os conhecimentos prévios dos alunos; ii) organização do desenvolvimento dos conteúdos; iii) e as circunstâncias em que se desencadeará o processo, a fim de que o professor possa adequar, dosar etc. as instruções orais e escritas.

Torna-se, portanto, necessário, à luz deste arcabouço teórico, tentar diagnosticar o contexto sócio-cognitivo do aluno que participará desse processo de ensino e aprendizagem. Assim, a proposta de trabalho apresentada foi elaborada também a partir dos dados coletados com a aplicação de questionário realizada com alunos do nono e oitavo anos do ensino fundamental, investigando sua relação com a internet e as redes sociais.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DO LOCAL DE APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO

O questionário foi aplicado em duas escolas de naturezas distintas, uma escola privada e uma escola pública. O interesse em aplicar o questionário em dois cenários diferentes, foi também tentar observar se haveria alguma diferença na relação de interação e acesso à internet com alunos da escola pública e da escola privada.

A escola privada em que o questionário foi aplicado, é a escola Fatecie Max, em Paranaíba-Pr. O principal público dessa escola, conforme a equipe pedagógica, são alunos oriundos da classe média, que em geral, além da escola, desenvolvem outras atividades como cursos de idiomas e prática de esportes. A escola em questão tem uma média de 300 alunos, e atende desde a educação infantil até o 9º ano do ensino fundamental.

Quanto à escola pública, o questionário foi aplicado no Colégio Estadual São Carlos do Ivaí, em São Carlos do Ivaí-Pr. O principal público dessa escola, também

conforme a equipe pedagógica, são alunos vindos da classe média e baixa do município. Em geral os alunos não praticam outras atividades além do turno regular das aulas. O colégio atente uma média de 800 alunos, do 6º ano à 3ª série do ensino médio.

3.2 TIPO DE PESQUISA E PROCEDIMENTOS TÉCNICOS

Considerando-se o objetivo primeiro deste trabalho que é a apresentação de uma proposta de sequência didática para o trabalho com o gênero microconto com alunos do ensino fundamental, adotarem-se dois procedimentos técnicos para realização da pesquisa.

Primeiramente foi realizada uma pesquisa bibliográfica, que conforme Gil (2008) e Severino (2007), é desenvolvida com base em textos e materiais já elaborados, sobretudo artigos científicos, teses, dissertações, livros etc.

Em seguida, à luz de alguns apontamentos da pesquisa bibliográfica, sobretudo sobre transposição didática, de acordo com a teoria de Chevallard (2005), foi realizado um levantamento de dados, conforme Gil (2008), esse procedimento técnico de pesquisa consiste na interrogação direta das pessoas cujo comportamento se deseja conhecer. Assim, um questionário foi elaborado e aplicado para alunos do oitavo e nono anos do ensino fundamental, com a finalidade de conhecer o seu comportamento com relação à internet e redes sociais.

O levantamento de dados serviu para compreensão do contexto sócio cognitivo dos alunos, assim contribuindo efetivamente para elaboração da sequência didática.

3.3 ANÁLISE DE DADOS

A análise de dados deste trabalho baseia-se na junção e comparação dos resultados do levantamento com a pesquisa bibliográfica, possibilitando a elaboração de uma sequência didática capaz de transpor didaticamente, conforme Rocha (2012), o saber do sábio para o saber ensinado, ou seja, elaborar atividades escolares sistematicamente organizadas a fim de ensinar o gênero discursivo microconto a alunos do ensino fundamental.

O material didático da sequência didática, bem como o plano de ensino destinado ao professor, encontram-se nos apêndices do trabalho. A análise contrastiva entre o levantamento, a pesquisa bibliográfica e a sequência didática produzida constam na próxima seção.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta seção tem o objetivo de apresentar uma análise teórico-descritiva da sequência didática elaborada neste trabalho (ver apêndice), buscando fundamentar teoricamente cada uma de suas partes, a fim de que se cumpra um dos objetivos deste trabalho, que é oferecer a professores de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental II uma proposta de trabalho com um gênero discursivo diferente em uma realidade discursiva que faz parte do universo de seus alunos adolescentes e pré-adolescentes.

Para organizar esta sequência, optamos pelo modelo de Lopes-Rossi (2011), que já foi descrita anteriormente neste trabalho. Retomam-se aqui apenas os três pontos fundamentais da sequência: a leitura; a produção escrita e a divulgação ao público.

4.1 A LEITURA

Conforme afirma Lopes-Rossi (2011), nesta etapa do trabalho o aluno deve apropriar-se das características discursivas do gênero a ser estudado. Para tanto, partimos do ponto de vista vigotskiano (Euzébio 2011) de Zona de Conhecimento Imediato, parafraseado por Gasparin (2003) como “prática social inicial”. Entendemos que, conforme afirma Euzébio (2011), se o trabalho pedagógico de ensino não partir do conhecimento imediato do aluno, este não realizará a ressignificação de suas práticas de letramento vernaculares e, fatalmente, não haverá a hibridização das práticas de letramento vernaculares com as práticas de letramento dominantes, que são objeto da escola enquanto instituição de ensino.

Nesse sentido, a sequência didática traz como seção introdutória: “Começando o assunto” – todas as seções possuem o verbo no gerúndio para enfatizar a ideia do fazer constante -, em que o professor instiga os alunos a trazerem o seu cotidiano como objeto de estudo.

Um dado de um levantamento realizado com alunos do ensino fundamental através de aplicação de questionário que garante a viabilidade dessa discussão, é que, tanto alunos de uma escola privada quanto alunos de uma escola pública estão quase totalmente inseridos em redes sociais (99% dos alunos questionados possuem alguma rede social), o que aponta para o fato de que a rede social da

internet e suas diversas formas de interação já constituem um evento de letramento digital vernacular.

Em outras palavras, o que se está trazendo para discussão em sala de aula é um elemento do cotidiano que, no momento posterior, será estudado e os alunos conhecerão novas facetas desse meio de comunicação. Isso acontecerá na seção “Lendo e discutindo”.

No momento em que os alunos são apresentados ao conhecimento novo partindo de sua prática social, há, de acordo com Euzébio (2011), engajamento dos sujeitos interactantes da aula. É a partir dessa premissa que a sequência busca apresentar o gênero microconto apenas depois da discussão inicial.

Vale ressaltar que é especificamente nesta etapa que os alunos devem, a partir da leitura e de suas experiências de leituras, apropriarem-se das características discursivas do gênero em questão, para tanto, são propostas duas atividades de leitura e uma atividade oral, que devem fazer com que o aluno perceba algumas características deste gênero, como a sua natureza narrativa e o valor semântico e estilístico de palavras empregadas com sentido figurado.

4.2 A PRODUÇÃO ESCRITA

Esta é uma etapa fundamental da sequência, pois é ela que oportuniza ao aluno produzir o gênero textual estudado, conforme afirma Lopes-Rossi. Produzir um texto não se resume ao ato de transcrever para um papel ou para a tela de um computador um emaranhado de palavras que até combinam sintaticamente, mas que nada significam para o leitor. É nesse sentido que preferimos, inclusive, o termo “produção escrita” e não “redação”.

Partindo das considerações de Geraldi (1995) sobre as condições de produção, julgamos necessário levar o aluno a considerar, inicialmente, o contexto que influenciará a sua prática discursiva de produção textual. Para isso, a sequência ora proposta apresenta na seção “Pensando e Praticando a Escrita”, justamente estes dois movimentos propostos pelo título: pensar/planejar e apenas depois efetivamente praticar a escrita.

A seção inicia com um pequeno texto introdutório fazendo referência ao teórico das redes sociais Todd Kelsey (2010), autor do livro *Social Networking Spaces: From Facebook to Twitter and Everything in Between*, que dá dicas sobre o uso das redes sociais. Em seguida, são apresentadas questões que devem levar o

aluno a pensar sobre as condições de produção do gênero como, por exemplo: por quê é divulgado em redes sociais, sobretudo o Twitter? O que um texto precisa apresentar para ser considerado um microconto? Etc.

Construída a consciência das condições de produção do gênero, chega o momento de “praticar” a escrita.

Marcelino Freire, escritor brasileiro, trabalha com oficinas de microcontos abertas ao público. Uma das técnicas do oficineiro, exibida, inclusive em entrevista à Rede Globo⁷, é a de oferecer um início para que as pessoas possam completar.

Entendendo, então, que muitas vezes o aluno encontra dificuldade em iniciar um texto, primeira atividade de escrita oferece ao aluno inícios de microcontos, que devem ser completados.

Outro ponto fundamental desta etapa do trabalho, é que se realizem momentos de reflexão e revisão textual por parte dos próprios alunos, a fim de assegurar qualidade ao texto. Nesse sentido, logo após a atividade de escrita, uma atividade revisão, que deve possibilitar ao aluno refletir sobre o seu próprio fazer.

A participação do professor deve ser intensa nesta etapa, pois ele deve acompanhar e ajudar o aluno o tempo todo. No material do aluno, é sugerido um pensamento de João Cabral de Melo Neto, que precisa ser observado por quem está escrevendo “enxugar até a morte”. Neste ponto, é importante evidenciar uma das características do microconto apresentadas por Petermann (2010), a concisão e brevidade. É preciso mantê-las, e para isso a escolha lexical é muito importante.

Após a revisão dos textos realizada por aluno e professor, o material deixa reservado um espaço para que os textos sejam reescritos em sua versão final e, em seguida, visando verificar a apropriação das habilidades necessárias para produção escrita do gênero, é solicitado que o aluno produza, com temática livre, mais dois microcontos, que também podem (e devem) ser analisados a partir das perguntas-chave elaboradas para auto revisão.

4.3 A DIVULGAÇÃO AO PÚBLICO

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental (2001) enfatizam a ideia do ensino da língua e participação social.

⁷ Entrevista pode ser acessada em http://www.youtube.com/watch?v=MsIv1Y_PtmE

Entender que a língua deva ser um recurso para plena participação social, subtende-se que ela sempre deva partir de práticas discursivas reais.

A questão nevrálgica, porém, para as aulas de Língua Portuguesa é refletir sobre suas diversas facetas e possibilidades a partir de situações discursivas reais. No caso das práticas discursivas de escrita, o problema é agravado. Afinal, quando se produz um texto na escola, para que e para quem ele é produzido?

Em geral, o único leitor do texto dos alunos é o próprio professor, que acaba amalgamando várias funções: a de revisor, corretor e único leitor do texto produzido. Assim, fica difícil imaginar as possibilidades de engajamento em atividades de escrita na escola, uma vez que estas atividades não assumem significado para a prática social do aluno – e às vezes nem mesmo parte da prática social dele mesmo.

Na sequência de atividades que visam a divulgação do texto ao público, busca-se, inicialmente, motivar os alunos a quererem levar os seus textos adiante, e a experiência dessa motivação começa com o título da seção “Voando com as palavras”. Pretende-se com esse título enfatizar a ideia de que as palavras podem voar, assim como aquele que as produziu, porém isso só é possível quando o texto extrapola os limites das paredes da sala de aula.

O segundo momento da motivação é a leitura de um texto retirado do jornal Diário do Noroeste, de Paranaíba, que noticia uma prática parecida com a que propomos. O intuito dessa leitura é fazer com que os alunos percebam, a partir de um exemplo próximo e pragmático, que eles também podem fazer muitas coisas com suas produções.

A partir do fato de que é necessário promover a hibridização de práticas de letramento vernaculares e dominantes a partir da resignificação das práticas vernaculares (Euzébio, 2011), propõe-se o trabalho de divulgação voltado para a publicação em redes sociais, o mesmo ponto onde começamos a sequência. Nessa etapa espera-se que o aluno já enxergue outras possibilidades de interação nas redes sociais. Portanto, cabe ao grupo de alunos escolher a rede social que acharem mais válida para divulgação de seus textos.

Um problema a ser enfrentado neste ponto, porém, é a opção pela rede social. Conforme mencionado anteriormente, há uma preferência pelo Twitter, já que seus modos de interação estão muito atrelados com a dinâmica do microconto. No entanto, de acordo com o levantamento feito, dos alunos inseridos em redes sociais, 33% da escola particular possuem um perfil no Twitter. e 26% da escola

pública. Esse número triplica quando a questão é possuir perfil no Facebook – de longe, a rede social mais popular no universo deste levantamento – são 100% dos alunos inseridos nas redes sociais tanto na escola pública quanto na escola privada.

Diante disso, o Twitter pode ser escolhido como uma rede social a ser apresentada para a maioria dos alunos, proposta que nos parece mais interessante, ou pode ser substituído pelo Facebook, devido a sua popularidade e número de acessos.

Promover esse meio de divulgação certamente possibilita ao aluno significar a prática de produção de textos na escola, uma vez que o seu texto pode ser visto, “curtido” e “compartilhado” ou “retweetado”.

Interessante ainda é promover o acompanhamento da situação dessas publicações. Um aluno pode, por exemplo, ficar responsável de trazer informações para turma a respeito da aceitação que os textos estão tendo a partir de alguns índices que as próprias plataformas oferecem como: número de curtidas, compartilhamentos etc.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou apresentar uma proposta de sequência didática para alunos do ensino fundamental sobre o gênero microconto, utilizando as redes sociais da internet como espaço para produção e divulgação dos textos produzidos.

Ao longo do levantamento de dados, ficou evidenciado que a internet e as redes sociais estão presentes no cotidiano da quase totalidade dos alunos que serviram como amostra. E em se tratando de um questionário aplicado em uma escola pública e uma privada, fica também evidenciada a hipótese de que talvez, pelo menos na região de Paranaíba (noroeste do Paraná), o acesso à internet esteja democratizado.

Dessa forma, ter utilizado a internet como um recurso didático para divulgação dos textos produzidos pelos alunos, teve como propósito trazer o cotidiano para a sala de aula, trabalhar com o aluno a partir de sua prática social, ou seja, a partir de seus conhecimentos prévios.

Além disso, as atividades escolares sistematicamente organizadas que compuseram a sequência didática, tiveram a finalidade de promover práticas discursivas de leitura e reflexão sobre a língua, tentando compreender o gênero discursivo microconto a partir da concepção bakhtiniana de gênero, levando o aluno a compreender a tema, o estilo e a estrutura do gênero em questão para somente depois arriscar-se na produção.

Nesse sentido, buscou-se ainda neste trabalho apresentar de forma breve, porém consistente, através de pesquisa bibliográfica, a caracterização de microconto bem como o conceito de transposição didática e sequência didática.

Enfim, este trabalho foi desenvolvido com o intuito de servir não somente à comunidade científica, mas também, e principalmente, a professores de língua que buscam novas ferramentas para realização de suas aulas.

REFERÊNCIAS

- ACIMAN, A; RENSIN, E. **Twitterature: the world's greatest books retold through Twitter**. Londres: Penguin Books, 2009
- BAKHTIN, M.M. Os gêneros do discurso. In. **Estética da criação verbal**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.p.261-306.
- BARTON, D.; HAMILTON, M. La literacidad entendida como practica social. In: ZAVALA, V.; NIÑO-MURCIA, M.; AMES, P. (Eds) **Escritura y sociedade: nuevas perspectivas teóricas e etnográficas**. Lima: Red para Desarrollo de las Ciencias Sociales em El Perú, 2004, p.109-139.
- BRAGA, Denise Bértoli. A comunicação interativa em ambiente hipermídia: as vantagens da hipermodalidades para o aprendizado no meio digital. In MARCUSCHI, Luiz Antonio; XAVIER, Antonio Carlos (orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. São Paulo: Cortez, 2010.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC, 2001.
- BRESSANE, Tais. Navegação e construção de sentidos. in FERRARI, Pollyana (org.) **Hipertexto, hipermídia: as novas ferramentas da comunicação digital**. São Paulo: Contexto, 2012.
- BRITTO, Luiz Percival Leme. Em terra de surdos-mudos (um estudo sobre as condições de produção de textos escolares) In.GERALDI, João Wanderley (Org.). **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática,2006.
- CAPINEJAR, F. **www.twitter.com/carpinejar**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.
- CASTEDO, Mirta & ZUAZO, Natalia. **Culturas escritas y escuela: viejas y nuevas diversidades**. Buenos Aires,2010 (no prelo)
- CAVALCANTE, Marianne Carvalho Bezerra. Mapeamento e produção de sentido: os links do hipertexto. In MARCUSCHI, Luiz Antonio; XAVIER, Antonio Carlos (orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. São Paulo: Cortez, 2010.
- CHEVALLARD, Y. **La Transposición Didáctica:del saber sabido al saber enseñado**. 2. ed. Buenos Aires: Aique, 2005.
- CERUTI-RIZZATTI, M.E. **Ensino de Língua Portuguesa e inquietações teórico-metodológicas: os gêneros discursivos na aula de a aula (de Português) como gênero discursivo**. In: Alfa. São Paulo, 2012.p. 249-269.
- CONDE, M.et al. **Bom dia por quê? Você era infeliz e não sabia**. Rio de Janeiro: Publit,2011.

EUZÉBIO, M.D. **Usos sociais da escrita na família e na escola: um estudo sobre práticas e eventos de letramento em uma comunidade escolar em Florianópolis/SC.** 2011. 258f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

GASPARIN, João Luiz. **Uma didática para a pedagogia histórico-crítica.** Campinas: Autores Associados, 2003.

GERALDI, João Wanderley. **Portos de Passagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1995.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2008.

GOTLIB, Nádya Battella. **Teoria do conto.** São Paulo: Ática, 2006.

KELSEY, Todd. **Social Networking Spaces: From Facebook to Twitter and Everything in Between.** Estados Unidos: Apress, 2010.

KLEIMAN, A.B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, A.B. (Org). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita.** Campinas: Mercado das Letras, 1995.p.15-61.

KOCH, Ingedore Villaça. **O texto e a construção dos sentidos.** São Paulo: Contexto, 2012.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** São Paulo: Editora 34, 1999.

LOPES-ROSSI, Maria Aparecida. **Gêneros Discursivos no Ensino de Leitura e Produção de Textos.** In. MARCUSCHI, Luiz Antonio, et al. São Paulo: Parábola, 2011.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In. KARWOSKI, Acir Mário et.al.(org.) **Gêneros textuais: reflexões e ensino.** São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

_____. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade.** (No prelo)

_____. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In. MARCUSCHI, Luiz Antonio; XAVIER, Antonio Carlos (orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido.** São Paulo: Cortez, 2010.

MARINHO, M. Letramento: a criação de um neologismo e a construção de um conceito. In: MARINHO, M.; CARVALHO, G.T. (Orgs.) **Cultura escrita e letramento.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.p.68-100.

MATÊNCIO, M.L.M. **Estudo da língua falada e aula de língua materna: uma abordagem processual da interação professor/alunos.** 215f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

MURANO, Edgard. **O que é possível dizer em 140 caracteres.** In. Revista Língua Portuguesa. São Paulo: Segmento. Ano 4. n.54. Abril de 2010. p.42-46

NOJOSA, Urbano Nobre. Da rigidez do texto à fluidez do hipertexto. In FERRARI, Pollyana (org.) **Hipertexto, hipermídia: as novas ferramentas da comunicação digital**. São Paulo: Contexto, 2012.

PETERMANN, Rafael. **Produção escrita de micronarrativas em 140 caracteres: da produção à divulgação**. In Anais II CIELLI. Maringá: UEM, 2012.

_____. **Microconto: a narrativa em 140 caracteres. Tentativa de definição e caracterização**. In Anais SELLP 2011. Paranavaí: UNESPAR/FAFIPA, 2010.

ROCHA, S.S.S. **O ensino-aprendizagem da língua portuguesa no curso normal superior, na modalidade de educação a distância: da teoria à transposição didática**. 164f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2012.

SANTAELLA, Lucia & LEMOS, Renata. **Redes sociais digitais: a cognição conectiva do Twitter**. São Paulo: Paulus, 2010.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. Campinas: Autores Associados, 2005.

SCHNEUWLY, B; DOLZ, J. **Gêneros Orais e Escritos na Escola**. Campinas: Mercado das Letras, 2004.

SEABRA, Carlos. **A onda dos microcontos**. In. Revista Língua Portuguesa. São Paulo: Segmento. Ano 4. n.54. Abril de 2010.p.47.

SEVERINO, A.J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

XAVIER, Antonio Carlos. Leitura, texto e hipertexto. In MARCUSCHI, Luiz Antonio; XAVIER, Antonio Carlos (orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. São Paulo: Cortez, 2010.

APÊNDICES

Apêndice A – Questionário de Levantamento de Dados

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO: MÉTODOS E TÉCNICAS DE ENSINO**

QUESTIONÁRIO DE LEVANTAMENTO DE DADOS

ACADÊMICO: RAFAEL PETERMANN

Escola _____

- 1) Você tem acesso à internet em casa?
() sim () não
- 2) Você está inserido em redes sociais da internet?
() sim () não
- 3) Em quais redes sociais da internet você está inserido?
() Facebook () Twitter () Orkut () Tmblr
() Instagram () outra(s) _____
-
- 4) Você costuma publicar textos ou reflexões em suas redes sociais da internet?
() sim () não
- 5) Você considera fácil se comunicar nas redes sociais da internet?
() sim () não
- 6) Em geral, quando posta algo nas redes em que você está inserido, seus amigos leem?
() sim () não () às vezes

APÊNDICE B – Resultado do levantamento de dados

CENÁRIO 1 – ESCOLA PRIVADA**NÚMERO DE ALUNOS: 59 (34 alunos do 9º ano e 25 do 8º ano)****IDADE MÉDIA:13-14 ANOS**

1) Você tem acesso à internet em casa?

SIM: 59

NÃO: 00

2) Você está inserido em redes sociais da internet?

SIM: 57

NÃO: 02

3) Em quais redes sociais da internet você está inserido?

Facebook: 57

Twitter: 18

Orkut: 00

Tumblr: 03

Instagram: 43

Outras: 02

4) Você costuma publicar textos ou reflexões em suas redes sociais da internet?

SIM: 48

NÃO: 09

5) Você considera fácil se comunicar nas redes sociais da internet?

SIM: 57

NÃO: 00

6) Em geral, quando posta algo nas redes em que você está inserido, seus amigos leem?

SIM: 24

NÃO:10

ÀS VEZES: 23

CENÁRIO 2 – ESCOLA PÚBLICA
NÚMERO DE ALUNOS: 36 (9º ano matutino)
IDADE MÉDIA:13-14 ANOS

1) Você tem acesso à internet em casa?

SIM: 36

NÃO: 00

2) Você está inserido em redes sociais da internet?

SIM: 36

NÃO: 00

3) Em quais redes sociais da internet você está inserido?

Facebook: 36

Twitter: 09

Orkut: 00

Tumblr: 00

Instagram: 20

Outras: 00

4) Você costuma publicar textos ou reflexões em suas redes sociais da internet?

SIM: 29

NÃO: 07

5) Você considera fácil se comunicar nas redes sociais da internet?

SIM: 34

NÃO: 02

6) Em geral, quando posta algo nas redes em que você está inserido, seus amigos leem?

SIM: 18

NÃO: 08

ÀS VEZES: 10

APÊNDICE C – Plano de Ensino

IDENTIFICAÇÃO: Microcontos: a narrativa em 140 caracteres	
Escola:	Série: 8º ou 9º
Professor:	Disciplina: Língua Portuguesa
Conteúdos:	Categorias narrativas; teoria da narrativa; linguagem figurada.
Carga horária:	10 h/a
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentar para os alunos as possibilidades de leitura e divulgação de textos literários no ciberespaço; - Promover reflexão sobre a linguagem e sua funcionalidade interacional na internet; - Produzir o gênero textual microconto levando em conta as condições de produção próprias do gênero; - Refletir sobre o emprego de palavras com sentido figurado como recurso de concisão.
Metodologia	<p>Dividir a aula em 5 encontros e proceder da seguinte forma.</p> <ul style="list-style-type: none"> - 1º encontro (2h/a) – Promover a discussão entre os alunos a respeito do uso e da linguagem das redes sociais. Orientar-se pelas perguntas motivadoras da seção “Começando o assunto” do material do aluno. No segundo momento, promover a leitura e apreciação dos microcontos constantes no material do aluno. Realizar a atividade proposta 1, fazendo com que o aluno perceba o valor semântico e estilístico de algumas escolhas lexicais no gênero. Nesta aula o aluno deve ser apresentado ao gênero microconto e deve saber onde procurar por mais leituras. Orientar os alunos que, como tarefa, busquem ler mais alguns microcontos não apenas em redes sociais, como também em outros sites. Pode-se desafiá-los a buscar outras formas de experimentações literárias no ciberespaço como o www.ciberpoesia.com.br e poesiadogoogle.com.

- 2º encontro (2h/a) – Pode-se promover, no momento inicial, uma discussão a respeito daquilo que viram em casa acerca das possibilidades de leitura de experimentações literárias no ciberespaço. No momento posterior, continuar com as atividades propostas do material do aluno: atividade 2 e atividade oral. Ficar atento quanto à participação dos alunos na atividade oral, visando verificar se todos conseguiram compreender a presença da narratividade nos microcontos lidos. Pode-se solicitar, como atividade extra, que os alunos escrevam nos cadernos a versão mais longa dos microcontos. Concluídas as atividades, responder a atividade proposta 3, a fim de que o aluno se aproprie das condições de produção do gênero.

- 3º encontro (2h/a) – Assim que os alunos tiverem refletido o suficiente sobre as condições de produção do gênero, leva-los a praticar, desenvolvendo as atividades propostas 4,5 e 6. Nesta etapa o professor deve exercer o papel de colaborador do texto, participando ativamente do processo de produção, ajudando o aluno quando necessário nas escolhas lexicais, revisão textual, reestruturação e reescrita. Solicitar, como tarefa, que os alunos tentem produzir mais alguns microcontos.

- 4º encontro (2h/a) – Este encontro deverá servir como continuidade do outro, dada a complexidade desta etapa do trabalho com o gênero discursivo em questão. Pode-se fazer uma rápida mostra de alguns microcontos produzidos através da leitura pública de alguns textos.

- 5º encontro (2/a) - Realizar as atividades voltadas para divulgação dos textos produzidos nas etapas anteriores. A seção “Voando com as palavras” do material do aluno traz orientações de como esse trabalho deverá ser feito. Antes de escolher uma rede social para divulgação verificar se realmente há conhecimento sobre a ferramenta para poder

	<p>utilizá-la. Caso não haja, procurar alguém que conheça e possa auxiliar no trabalho – pode até mesmo ser um aluno. Levar os alunos até o laboratório de informática onde deverão trabalhar na transcrição de microcontos selecionados para o ambiente virtual e publicá-los. O professor pode organizar com os alunos um meio de acompanhar como os textos estão sendo recebidos no ambiente no ciberespaço, para isso, pode-se eleger um aluno que acompanhe o percurso dos textos.</p>
Avaliação	<p>A avaliação deve se dar de forma constante e sistemática, de forma que o professor avalie se o aluno:</p> <ul style="list-style-type: none">- conhece as características do gênero microconto;- consegue reconhecer o valor semântico e estilístico do emprego de vocábulos com sentido figurado;- consegue redigir de forma concisa pequenas narrativas, respeitando as condições de produção do microconto quando este é veiculado em redes sociais.- reconhece as redes sociais e a própria internet como meios de interação linguística. <p>Para tanto, o professor poderá utilizar diversos instrumentos, dentre eles a sua própria observação constante e investigativa, as práticas discursivas de leitura e escrita propostas nesta sequência, ou outros instrumentos que achar pertinente.</p>

APÊNDICE D – MATERIAL DO ALUNO

Você está conectad@?

Diversas são as redes sociais da internet em que as pessoas interagem, publicam fotos e textos. Provavelmente você esteja inserido em algumas delas. Dentre as redes sociais abaixo, marque aquelas em que você está presente. Aproveite para, depois, conversar com colegas sobre alguma rede que você não conheça.



MICROCONTOS – A NARRATIVA EM 140 CARACTERES

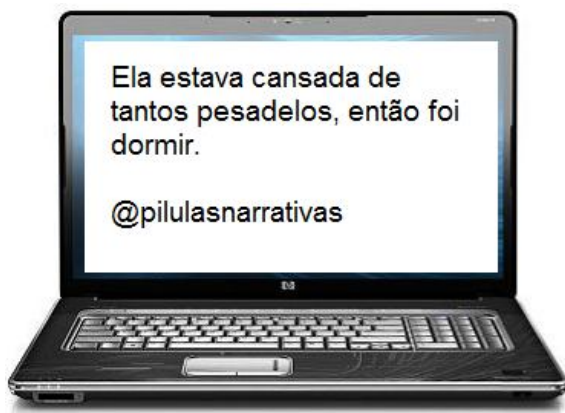
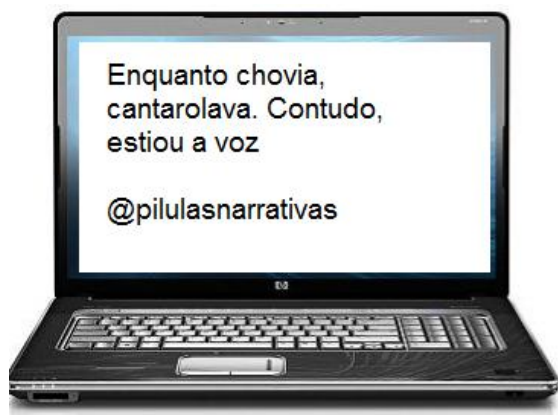
Começando o assunto...

- 1 – Você costuma acessar redes sociais da internet como Facebook ou Twitter?
- 2 – O que você vê que as pessoas geralmente postam nessas redes sociais?
- 3 – Você costuma ler o que os seus amigos publicam nessas redes?
- 4 – O que você costuma publicar?
- 5 – Você acha que a literatura poderia ter espaço nesses ambientes?



Lendo e discutindo...

Você lerá agora dois textos do gênero microconto. Preste bastante atenção, pois a leitura será muito rápida e é preciso estar atento para não perder nada.



Além do texto...

O projeto Pílulas Narrativas é uma iniciativa de alunos do 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola no Paraná. Uma das ações desse projeto foi criar um perfil no Twitter para divulgação de microcontos que os alunos produziam. Nesta atividade você está lendo dois dos microcontos produzidos por eles. Você está no Twitter? Então procure pelo projeto no @pilulasnarrativas. Procure também por outras iniciativas parecidas, o twitter está cheio delas, basta procurar pela palavra-chave “microconto”.

O que achou dos microcontos? Conforme você percebeu, eles são textos extremamente curtos, mas que podem dizer muito.

Converse agora com seus colegas e professor sobre a sua impressão desses textos. Para você, por que esse gênero se chama microconto?

Alguns autores dizem que o microconto é a “ponta de um iceberg”, pois por trás dele existe uma história que pode ser imaginada pelo próprio leitor. Cada palavra deve ser muito bem escolhida. Mais que ser um vocábulo em um texto, ela precisa significar muita coisa.

Por conta disso, muitas palavras precisam ser usadas no sentido figurado, significando outras coisas que não caberiam em um microconto.

Aliás, até aqui você já deve ter percebido o que há de “micro” e o que há de “conto” nos textos.

Micro → pequeno, conciso, minúsculo.
 Conto → narrativa que apresenta enredo, espaço, tempo, personagens e narrador.

Vamos agora praticar um pouco de nossa leitura? Realize as atividades abaixo e veja, depois, se sua compreensão foi a mesma de mais algum colega de turma.

ATIVIDADE 1

Volte aos microcontos da página anterior. Analise cada expressão e anote no espaço apropriado a sua interpretação para o que cada uma delas representa no texto.

PALAVRA	INTERPRETAÇÃO
ESTIOU A VOZ	
CANSADA DE TANTOS PESADELOS	
ENTÃO FOI DORMIR	

ATIVIDADE 2

Conforme você deve saber, os contos possuem 5 categorias narrativas: o narrador, as personagens, o enredo, o tempo e o espaço. Nesta atividade iremos ver que algumas dessas categorias são textualmente reduzidas no microconto, mas isso não atrapalha a leitura e interação do leitor com o texto.

a) Vamos tomar o primeiro microconto para esta atividade. Trabalharemos a categoria de personagem. Quantos personagens são envolvidos nessa história? Quais os nomes? Como você os imagina?

b) Vejamos agora a categoria narrador. O texto pode ser narrado em 1ª ou 3ª pessoa. Em que pessoa o microconto em questão é narrado? Como é possível saber isso?

c) Com relação às categorias de tempo e espaço. Quanto tempo poderia ter durado a trama narrada no microconto em questão? Como você imagina o cenário em que isso aconteceu?

d) Toda narrativa conta uma história, ou seja, possui um enredo. Com relação a essa categoria, qual o enredo desse microconto?

Concluindo...

Terminando esta atividade é possível perceber que o microconto realmente é apenas a ponta de um *iceberg*. E também é possível perceber que quem constrói os sentidos e detalhes neste gênero é o próprio leitor, o autor tem o papel de dar apenas “pistas”.

ATIVIDADE ORAL

Nesta atividade você e seus colegas repetirão as mesmas perguntas da atividade anterior, porém agora aplicadas ao microconto 2. Aguarde seu professor fazer as perguntas e, quando quiser falar, levante a mão para ter direito à palavra.

Pensando e Praticando a escrita...

As redes sociais, mais que um espaço para publicação de textos sobre diversos assuntos, constituem um espaço privilegiado para aqueles que curtem escrever, expressar seus sentimentos e suas ideias, porém têm vergonha ou não têm leitores.

Todd Kelsey escreveu um livro em inglês chamado *"Social Networking Spaces: from Facebook to Twitter and everything in between"*, neste livro ele dá dicas aos leitores sobre como utilizar diferentes redes sociais na internet. Uma das passagens do livro que é muito interessante é "não podemos pensar que ninguém esteja interessado em nossa vida, alguém sempre estará".

Tendo isso em vista, vamos pensar um pouco sobre as Condições de produção textual do gênero microconto Tendo as redes sociais como meio de veiculação.

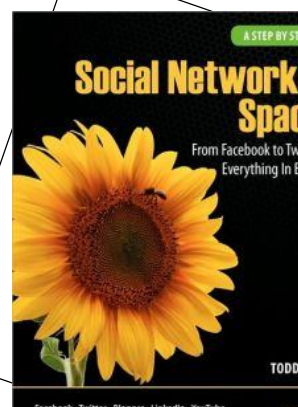
ATIVIDADE 3

Responda às questões abaixo. Em seguida, converse Com seus colegas e professor sobre suas respostas.

a) Você acha que as redes sociais podem ser espaços para divulgação de textos de experimentação literária? Por quê?

b) Por que uma pessoa escolheria uma rede social para publicar um texto de caráter literário?

c) Tendo em vista que os microcontos geralmente são veiculados no Twitter, por que eles precisam ser tão breves?

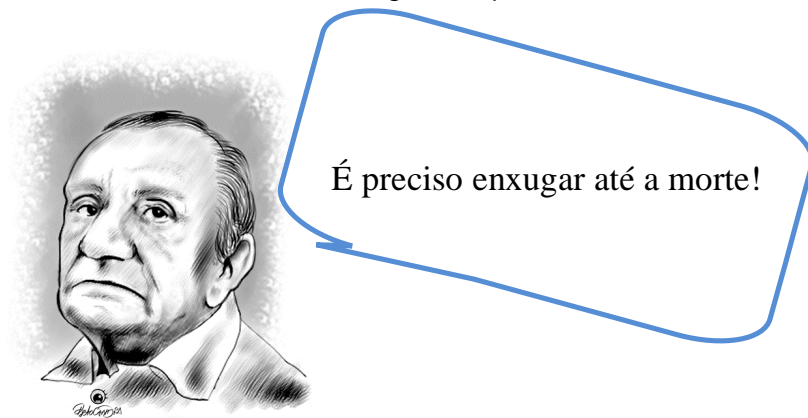


d) Do que um texto precisa para ser considerado um microconto?

Agora é hora de ir para prática. O que acha de tentar produzir alguns microcontos?

Lembre-se, antes de produzir qualquer texto, é preciso refletir sobre o que, como, para quem e para quê escrever. Faça um planejamento mental de seu texto.

João Cabral de Melo Neto, grande poeta brasileiro, um dia disse



Um exercício a ser feito, portanto, é enxugar o nosso texto, cortar partes, escolher palavras... Está pronto??? Siga então as orientações das atividades abaixo.

ATIVIDADE 4

Indicamos algumas possibilidades de início para seus microcontos. Tente completa-las. Não se esqueça de ser o mais breve e conciso possível.

- Quando virou a esquina...

- Abriu os olhos de manhã...

-Amava a vida, mas...

→ Após redigir, leia e compare suas produções com as de seus colegas.

ATIVIDADE 5 - REVISÃO I

Ao final de uma atividade de escrita, é muito importante revisar o seu texto. Sobre cada um dos microcontos, responda sim ou não.

- a) É possível perceber alguma personagem no microconto?
 Sim Não
- b) É possível identificar um enredo, ou seja, uma história sendo contada?
 Sim Não
- c) O texto possui 140 caracteres?
 Sim Não
- d) Existe alguma palavra ou expressão que eu possa substituir por outra mais expressiva?
 Sim Não

-Atenção, para as respostas de A a C, todos os itens devem ser marcados como SIM, portanto, se você marcou alguma como NÃO, retome e veja o que precisa ser alterado.

- A última questão da revisão é um pouco mais trabalhosa, conversa com amigos e professor sobre algumas palavras que você poderia escolher para colocar em seu texto.

ATIVIDADE 6 - REESCRITA

Após refletir sobre os microcontos produzidos, escreva a versão final deles neste espaço e fique atento, pois o professor pode solicitar que você leia algum de seus textos.

E então, o que achou da experiência de escrever de forma concisa? Vamos praticar mais um pouco?

Reservamos mais algumas linhas para que você produza mais alguns microcontos. Tente fazer no mínimo mais 2.

Voando com as palavras...

Leia o texto abaixo

▼ PÍLULAS NARRATIVAS

Estudantes da Escola Anglo Simetria expõem microcontos na Biblioteca Júlia Wanderley

A Biblioteca Municipal Júlia Wanderley tem sido uma grande parceira da Escola Anglo Simetria na realização do projeto Pílulas Narrativas colocado em prática pelo professor Rafael Petermann. A iniciativa que conta com alunos do 9º ano consiste em uma atividade de criação de textos com até 140 caracteres. “Eles produzem minicontos veiculados em ambientes virtuais. Apesar de drasticamente reduzidos, carregam em si um fio de narrativa”, afirma o professor.

De acordo com a coordenadora da Biblioteca Júlia Wanderley, Maria Esther Ferezin

Camargo, os microcontos estão em exposição nas estantes, mesas, cadeiras, bebedouro, computadores e outros recursos da biblioteca. “Os próprios alunos se responsabilizaram pela ilustração e divulgação”, destaca Esther. O projeto visa despertar nos estudantes uma reflexão sobre a crucial pergunta na fase de produção textual: para que e para quem escrever.

Microcontos de dois alunos do Anglo Simetria

“Ela estava cansada de tantos pesadelos, então foi dormir”.

Tathiane Sant’ana
“Enquanto chovia, cantarolava. Contudo, estiou a voz”.

G.B.

O texto acima foi publicado no jornal Diário do Noroeste em 30 de abril de 2012 e, como você viu, trata de uma experiência parecida com a que estamos tendo nestas atividades.

O que achou da ideia? Vale a pena divulgar seus textos?

ATIVIDADE 7 - DIVULGAÇÃO

-Junto com seu professor, você e sua turma irão divulgar alguns dos textos produzidos que vocês selecionarem.

Passo 1 → Escolher a rede social a ser utilizada. A mais indicada é o Twitter e escolher um título para o projeto.

Passo 2 → O professor irá criar um perfil a ser utilizado para divulgação dos textos com o título escolhido pela turma.

Passo 3 → No laboratório de informática, com a rede social aberta e o perfil já conectado, os alunos irão transpor para o meio digital alguns textos produzidos em sala.

E depois???

-Voar com as palavras e deixá-las depois livres numa rede social é interessante. Porém, mais interessante ainda é saber a repercussão que os textos estão tendo após algum tempo. Por isso, nas redes sociais que você usa em casa, divulgue o projeto para seus amigos e peça para que eles também divulguem.

-Acompanhe o número de seguidores ou de curtidas que os textos da sua turma estão recebendo, afinal, vale deixar o texto voar... mas é uma delícia saber a altura em que ele está.